

TRAJETÓRIAS TRANSPASSADAS: DEBORAH BRENNAND E FÁTIMA QUINTAS NA ACADEMIA PERNAMBUCANA DE LETRAS

Bárbara Magalhães Tavares Rodrigues ¹

Luíza Vieira Cavalcanti ²

Walter Valdevino do Amaral ³

RESUMO

As mulheres pernambucanas buscaram historicamente ecoar suas vozes neste espaço de poder que corresponde à intelectualidade. Destarte, neste trabalho, propomos narrar alguns aspectos da trajetória de duas figuras femininas, que tiveram seus legados imortalizados pela Academia Pernambucana de Letras, destacando suas contribuições para o cenário literário e acadêmico do Estado, bem como, o impacto de suas participações nessa instituição. A primeira delas é Deborah Brennand, natural do município de Nazaré da Mata, ingressou na Academia Pernambucana de Letras, no ano de 2007, ocupando a cadeira de número 37, consagrando-se como uma das maiores poetisas de sua geração; tendo publicado 6 livros. A segunda, intelectual que abordaremos, é a antropóloga recifense Maria de Fátima de Andrade Quintas, que entrou na instituição em 2003, ocupando a cadeira 31 e, em 2012, tornou-se a primeira mulher a ocupar o cargo de presidente da APL; possui uma extensa produção, tendo produzido até o presente momento, um total de 52 obras. Ressaltamos que identificamos, em nossas pesquisas, que ambas nutriam uma mútua amizade, contrariando o discurso que, persiste no senso comum, sobre a rivalidade feminina no meio acadêmico e literário. Como aportes teórico-metodológicos, utilizamos a filósofa Judith Butler para analisarmos as discussões sobre gênero e linguagem, e, a historiadora Mary Del Priore para compreendermos as problematizações acerca da escrita de biografias femininas.

Palavras-chave: Literatura, Biografia, Intelectuais.

PRELÚDIO SOBRE A ACADEMIA PERNAMBUCANA DE LETRAS E RELAÇÕES DE GÊNERO

A Academia Pernambucana de Letras é uma instituição que em seus muitos anos de história, vivenciou diversos cenários, contextos e realidades que foram mudando ao passar do tempo. Ela foi fundada em meio a uma efervescência ocasionada pelas vivências do século XIX, na qual o mundo das letras e a influência francesa no Recife estavam veemente intensa. Em outras palavras: “É exatamente durante a *Belle Époque* que surge a Academia

¹ Graduanda em História pela Universidade Católica de Pernambuco - UNICAP, barbaram.tavaress@gmail.com;

² Graduanda em História pela Universidade Católica de Pernambuco - UNICAP, luizavieiracavalcanti@gmail.com;

³ Professor orientador: Doutor em História, Universidade Católica de Pernambuco - UNICAP, walterdoc@gmail.com.

Pernambucana de Letras (APL)” (QUINTAS, 2013, p. 26). Destarte, em 6 de fevereiro de 1901, ela se torna a terceira casa de letras do país, com apenas 20 membros, todos homens.

Hodiernamente, a APL conta com um total de quarenta cadeiras, delas, apenas dez são preenchidas por mulheres, todas brancas. Esse quantitativo não apenas ilustra uma situação específica, mas nos ajuda a compreender como se dá o funcionamento da intelectualidade como um todo dentro do cenário pernambucano. Curiosamente, o reconhecimento de uma mulher como imortal pela APL não se deu de forma tardia comparada as demais do Brasil. Isso porque, 19 anos depois de sua fundação, a escritora, professora e feminista Edwiges de Sá Pereira foi eleita como imortal, para ocupar a cadeira de número 7, apesar de ser sócia correspondente desde a fundação da instituição. Com isso, a APL tornou-se a segunda Academia estadual do país a reconhecer a intelectualidade feminina em seu corpo de membros. Porém, se observarmos os dados em termos de quantidade, é perceptível a seletividade do meio intelectual em Pernambuco.

Dessa forma, a conjuntura exposta acima, nos leva a pensar como as relações de gênero são evidenciadas à ocupação de espaços de poder. Assim sendo,

A linguagem é investida do poder de criar “o socialmente real” por meio dos atos de locução dos sujeitos falantes [...] A ‘nomeação’ do sexo é um ato de dominação e coerção, um ato performativo institucionalizado que cria e legisla a realidade social pela exigência de uma construção discursiva/perceptiva dos corpos, segundo os princípios da diferença sexual (BUTLER, 2017, p. 200).

Logo, a linguagem é impregnada de poder, e a definição de gênero não existe nem antes nem depois dela. Assim, os gêneros da forma como são constituídos também contribuem para a legitimação dos poderes. Isso, ao ser contextualizado com a problematização dos cânones literários e inelegibilidade de mulheres, sobretudo mulheres negras, torna-se mais evidente o quão é questionável a imortalidade dada pelas Academias de Letras.

Neste sentido, nosso trabalho visa abordar duas trajetórias de vida específicas que a seu modo possibilitam questionamentos acerca do gênero em face à intelectualidade. Além disso, em consonância com a historiadora Mary Del Priori, compreendemos que, escrever sobre biografias femininas é algo ainda pouco explorado na historiografia, pois essencialmente é consolidado como um campo masculino (2018, p. 83). Portanto, através das duas escritoras aqui escolhidas, podemos observar dois polos opostos dentro das imortais da

APL: uma mulher que frequentemente está nos holofotes dos meios de comunicação, Fátima Quintas e, outra que, não recebeu tanta atenção midiática, Deborah Brennand.

MARIA DE FÁTIMA DE ANDRADE QUINTAS

Nascida em 28 de fevereiro de 1944, em Recife/PE, Fátima Quintas possuiu uma infância urbana, através do que ela própria comenta, as experiências mais marcantes em sua memória são através da relação afetiva com sua mãe (Edith Queiroz), pai (Amaro Quintas) e os livros da biblioteca de sua casa. Mesmo antes de aprender a ler, já estava envolvida com o mundo das letras, quando folheava as páginas, fazia rabiscos nos exemplares da biblioteca de seu pai (Cf.: QUINTAS, 2016, p. 307). Trocava bilhetes secretos com sua mãe, os quais eram compartilhados apenas entre elas enquanto ainda estava aprendendo a escrever. Dessa forma, desde muito jovem, fica evidente seu interesse e incentivo tanto pela escrita quanto pela leitura.

Com efeito, sua trajetória acadêmica, portanto, não seria muito diferente do que se anunciava nessa predisposição desde a infância. Dessa forma, realizou sua graduação em Ciências Sociais, inicialmente pela Faculdade de Filosofia do Recife, mas no segundo ano de curso se transferiu para a Universidade Federal de Pernambuco; ainda nesta instituição, concluiu seu mestrado em Antropologia, sobre sexualidade e marginalidade. Esse período de formação, também contou com sua ida para estudar na Europa, aos 22 anos, algo que foi um marco para seu desenvolvimento pessoal e intelectual.

No que se refere a sua trajetória como profissional, galgou várias realizações, principalmente levando em conta o período e a área que a mesma atua. Destarte, trabalhou para a Fundação Joaquim Nabuco durante 37 anos, exercendo diversos cargos desde assistente de pesquisa no Departamento de Sociologia e no Departamento de História (1965 – 1967) à Diretora do Departamento de Antropologia (1998 - 2003). Mas, também, atuou como professora universitária, radialista, contista, escritora etc. Como frutos de seus trabalhos, publicou, até o presente momento, um total de 52 livros, os quais transitam entre temáticas mais acadêmicas e outras mais subjetivas.

Fátima Quintas tornou-se muito evidente no mundo acadêmico e social, seu nome é bem conhecido em distintos espaços. Assim, no ano de 2002, foi eleita imortal pela Academia Pernambucana de Letras, na qual assumiu a cadeira 31, após o falecimento do escritor José Wamberto, tendo naquele momento, como concorrentes Alves da Mota e Luzilá Gonçalves Ferreira. No ano seguinte, tomou posse na instituição e, nove anos depois, torna-se a primeira figura feminina a ocupar o cargo de presidente da Academia. Esse marco é muito

importante não apenas para sua trajetória de vida pessoal, pois passados mais de 100 anos de sua fundação, que a APL toma essa posição, o que não significa de forma alguma que antes dela não houvesse mulheres suficientemente competentes para tal posição. Mas, como dito anteriormente, mesmo com uma relativamente rápida ocupação feminina na instituição, foram precisos muitos anos até uma mulher ser admitida para o cargo máximo.

Portanto, acreditamos que, através da trajetória de Fátima Quintas é possível deprendermos que, apesar de ter conseguido passar pelo cânone, ter sua vasta produção de livros e ocupar espaços pioneiros, que normalmente são exclusivos aos homens, ela continua sendo uma exceção. Ao levar em consideração personagens como Deborah Brennand, que ao contrário de Fátima Quintas não recebeu um grande destaque, como também, outras que a antecederam, notamos que não é comum a façanha que ela conseguiu conquistar. Porém, depois de seu mandato, outras conseguiram ocupar o mesmo posto na instituição, como presidentes e vice-presidentes. Por fim, destacamos que, recentemente ela recebeu o Prêmio Rio de Excelência em Escrita (2020), sendo a primeira pessoa do Nordeste a ganhá-lo. Através de sua trajetória, percebemos o quanto ela representa para o Estado de Pernambuco e para as mulheres como um todo. É, de fato, extremamente contundente reconhecer que ao ter contato com sua trajetória, muitas sintam-se inspiradas a seguir ou entrar no meio tão restrito que é a intelectualidade. Nessa perspectiva, visamos contribuir para a visibilidade do seu legado, para que ele não seja esquecido e que sua história possa ecoar em mais espaços.

DEBORAH MOURA VASCONCELLO BRENNAND

Em 12 de fevereiro de 1927, no Engenho de Lagoa do Ramo, município de Nazaré da Mata, Zona da Mata Norte pernambucana, nascia à poetisa Deborah Brennand. No início de sua juventude, foi para a cidade do Recife estudar Direito na Faculdade de Direito do Recife (UFPE), contudo, não chegou a concluir o curso. Voltou para a sua cidade natal, onde passou boa parte de sua vida no engenho, trabalhando como empresária rural; criando gado, participando de exposições e feiras nas quais geralmente ganhava o primeiro lugar, deixando os demais empresários da região, em sua maioria homens, intrigados por perderem para uma mulher.

Mesmo sendo de origem rural, os demais empresários da região acreditavam que aquele espaço não era propício para mulheres, chegando várias vezes a tentar boicotar os eventos nos quais Deborah participava, mas sem sucesso. A poetisa fazia disso quase que um hobby, cuidar dos animais para ela era uma forma de distração, ao mesmo tempo, em que a deixava mais conectada com a natureza, o que está perceptível em suas falas e obras.

No ano de 1948, Deborah se casa com o artista plástico Francisco Brennand, meses depois do casamento, descobriu que estava grávida, porém, a gestação foi interrompida por conta de um aborto espontâneo. Um ano depois, em novembro 1950, chega sua primeira e tão esperada filha: Maria da Conceição Brennand, mais conhecida como Neném Brennand. Pouco mais de um ano depois, o casal teve a segunda filha: Maria Helena Brennand, nascida em junho de 1951.

Deborah encarava a poesia muito mais como um hábito natural e espontâneo e, por muito tempo, preferiu manter suas produções literárias na sua intimidade, sossegada e distante de ruídos. No entanto, durante um almoço com amigos/as e familiares no Engenho da Lagoa do Ramo, o seu talento foi delatado por uma de suas filhas, Maria Helena.

Convencida pelos amigos, o escritor Ariano Suassuna e o poeta César Leal, publicou em pequenas antologias os poemas que tanto teimava em esconder. Dessa forma, seu marido, o artista plástico Francisco Brennand, veio a descobrir seu talento, isto se deu pelo fato de que ela sempre fora bastante tímida, desde sua infância e, mesmo, na vida adulta, escondia a sete chaves seus escritos, por acreditar que os mesmos só tinham importância e sentido para ela própria.

Ela estreou na literatura com a obra “O punhal tingido ou O livro de horas de Dona Rosa de Aragão”, publicado em 1965, pelo “Jornal do Comércio”, mesmo ano em que, surgiu na cidade do Recife, um grupo de jovens poetas e poetisas como Alberto da Cunha Melo, Janice Japiassu, Marcus Acioly, Carlos Cordeiro, Jaci Bezerra, Ângelo Monteiro, entre outros, que se autodenominaram Geração 65.

Neste mesmo ano, seu nome apareceu pela primeira vez no “Diário de Pernambuco”, em uma reportagem escrita por Roberto Alvim Corrêa, importante escritor, editor e professor francês, porém estabelecido no Brasil. Na matéria intitulada “Nasceu um poeta: Deborah Brennand”, escrita no Rio de Janeiro para o periódico pernambucano, Roberto afirmava que Deborah “fala uma língua que não se decifra em um dia”, e que sua leitura surpreende e torce para que não deixe nunca de surpreender (Cf.: CORRÊA, in: DIÁRIO DE PERNMABUCO, 1965).

Pondo de lado as palavras de Roberto Alvim Corrêa sobre a poesia de Deborah Brennand, e sendo este trabalho o estudo de uma literatura de caráter feminino, vale chamarmos atenção para o título da reportagem: nem o escritor nem a redação do jornal se preocuparam em utilizar artigos femininos para se referir a ela.

De acordo com a letróloga Cecil Jeanine, “não é mais possível ver a língua e a literatura apenas como um refluxo da realidade social, mas sim como responsáveis pela

manutenção ou alteração do status quo” (JEANINE, 2013, p. 64), logo, tendo em vista a importância da linguagem, fazem-se necessárias algumas ressalvas como essas para que uma mulher seja compreendida e reconhecida pelo trabalho que realiza, não ficando nas sombras de outros homens ou de artigos e pronomes masculinos que não permitem uma maior visibilidade de suas conquistas.

A escrita de Deborah nos traz contrastes de sombra e de luz, de sentimentos profundos e da dor. Das metáforas que doem ao mesmo tempo em que encantam. Em todos os seus textos identificamos a presença da espera, um tema recorrente em sua obra. A poetisa é claro-escuro, saída-espera, dor-delícia. Sobre suas poesias, a própria declarou que: “Eu não sei porque comecei a escrever poesia. É uma questão de sobrevivência. O pássaro sabe porque voa? Não. Então eu também não sei [porque escrevo]” (BRENNAND, in: LETRAS VERDES, 2006).

Dentro desse contexto, fica claro o porquê de sua poesia ter ganhado seu lugar seguindo a linha órfico-mítica, em que a poetisa se assumia como um “novo Orfeu” cujo tema não seria somente revelar as belezas da Terra, mas também o reencontro do homem consigo mesmo, em sua solidão, longe das cidades, em comunhão com a natureza. No total, ela tem oito livros publicados: “O punhal tingido ou O livro de horas de Dona Rosa de Aragão” (1965), “Noites de Sol ou As Viagens do Sono” (1996), “Claridade” (1996) “O Cadeado Negro” (1971), “Pomar de Sombras” (1995), “Maçãs Negras” (2001), “Letras Verdes” (2002) e “Tantas e Tantas Cartas” (2003).

Destas oito obras, duas viraram curtas-metragens, ambos dirigidos e roteirizados por sua própria neta, Deby Brennand. “Letras Verdes” foi a primeira a virar roteiro de filme, um documentário lançado no ano de 2006, contando com imagens da época em que Deborah Brennand ainda vivia em sua fazenda, cuidando dos seus animais, onde recebia seus/as amigos/as para fartos almoços. A segunda obra a virar roteiro de filme foi “Tantas e Tantas Cartas”, focado na imagem de Deborah e nas cartas que escreveu ao longo da sua vida.

No ano de 2007, Deborah Brennand, já aos 80 anos de idade, tronou-se imortal pela Academia Pernambucana de Letras, assumindo a cadeira de número 37, antes ocupada pelo escritor Manuel Correia de Oliveira Andrade. Contudo, apesar de sua importância para o campo literário, ela só foi reconhecida pela APL mais de quarenta anos depois que começou a publicar seus livros; nesta instituição, permaneceu apenas por oito anos, pois logo veio a falecer. Além disto, a poetisa dificilmente é reconhecida por seu talento e produções literárias, sendo normalmente apresentada primeiramente como a “mulher de Francisco Brennand”, ou

seja, sendo percebida e reconhecida por muitos como a sombra de um homem, sem sua liberdade e capacidade de expressão artística.

Além da sua importância para a literatura pernambucana, a poetisa também foi uma das peças-chave para o Movimento Armorial, liderado pelo escritor Ariano Suassuna. Neste movimento, Deborah Brennand explicita o espírito Armorial, sendo perceptível em imagens emblemáticas, como a iluminogravura intitulada “A Morte – Moça Caetana” e o texto “Poema do Sertão”.

A poetisa faleceu no dia 26 de abril de 2015, aos 88 anos de idade, vítima de uma falência múltipla de órgãos, no bairro de Piedade, localizado no município de Jaboatão dos Guararapes. Após sua morte, diversas declarações foram feitas sobre a mesma, na qual vale ressaltar a da escritora e amiga, Fátima Quintas, que na ocasião era a presidenta da Academia Pernambucana de Letras, a qual afirmou: “Ela era uma poeta extraordinária. Foi uma perda lastimável. Sua poesia era ligada à natureza, ela criava com uma alma latejante. Fugia de técnicas, regras e amarras para fazer uma poesia verdadeira” (QUINTAS, in: JORNAL DO COMÉRCIO, 2015). Além dos seus versos, com imagens belíssimas e “segredos, sussurros e sigilos da alma”, Fátima Quintas destacou que Deborah era uma pessoa bela, agradável e simples. “Lembro que, no campo, o seu gado vinha e colocava o rosto no ombro dela, com a maior naturalidade” (QUINTAS, in: JORNAL DO COMÉRCIO, 2015).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Se tratando da história de duas mulheres, acreditamos que, este trabalho contribui para o avanço das discussões acerca das transformações sociais que são acarretadas a partir do momento em que as mulheres utilizam da escrita para moldar e contar suas histórias. De acordo com a historiadora Joan Scott, “inscrever as mulheres na História implica necessariamente a redefinição e o alargamento das noções tradicionais daquilo que é historicamente importante” (SCOTT, 1995, p.75), que, neste caso, é a História das Mulheres, tendo em vista que, durante séculos sempre foi imposto às mulheres o papel da submissão e passividade.

Além disso, foi possível observarmos o nascimento e germinação de uma amizade entre Fátima Quintas e Deborah Brennand, que foi além da Academia Pernambucana de Letras, quebrando com o estigma de rivalidade feminina que a sociedade patriarcal costuma atabular. Analisando a História das Mulheres, como um campo a ser mais bem explorado pelos/as historiadores/as, Joan Scott afirma que:

“Gênero” como substituto de “mulheres” é igualmente utilizado para sugerir que a informação a respeito das mulheres é necessariamente informação sobre os homens, que um implica no estudo do outro. Este uso insiste na ideia de que o mundo das mulheres faz parte do mundo dos homens, que ele é criado dentro e por esse mundo. Esse uso rejeita a utilidade interpretativa da ideia das esferas separadas (SCOTT, 1995, p. 73).

Logo, é imprescindível que se tenha conhecimento que a história de uma mulher não é necessariamente a história de um homem, muito menos precisa estar amparada em uma história masculina e, temos como exemplo disso, as histórias das duas mulheres acima estudadas. Fátima influenciou, e continua influenciando, diversas outras escritoras, sendo um exemplo para diversas intelectuais, pois através de seus estudos ganha a liberdade na busca pela equidade entre os gêneros. Antropóloga e intelectual, que teve muitos de seus trabalhos reconhecidos por diversos prêmios. Já Deborah, se torna para o mundo das Letras a doadora de uma claridade que leva a vislumbrar além das luzes e das sombras do cotidiano. Seus poemas trazem uma construção literária pessoal que influenciou diversas outras autoras, como a atual ocupante de sua cadeira: Bartyra Soares.

Por fim, ressaltamos ainda, que nessa época, o papel dado às mulheres na escrita, em sua maioria, limitava-se ao universo da moda, romances literários, beleza, algum tipo de entretenimento e/ou recreação, reforçando as características da esposa e mãe bondosas – assuntos que ainda hoje carregam muito do que diz respeito ao ato de “ser mulher” na sociedade. A figura de ambas quebra com esse paradigma, mostrando que os escritos literários femininos não se resumem apenas a romances, e apesar das duas intelectuais terem estilos diferentes de escrita, ambas conseguiram revolucionar o mundo das letras.

REFERÊNCIAS

A LITERATURA pernambucana perde Deborah Brennand. **Jornal do Comércio** [JC online]. Recife, 28 abr. 2015. Disponível em: <<https://jconline.ne10.uol.com.br/canal/cultura/literatura/noticia/2015/04/28/a-literatura-pernambucana-perde-deborah-brennand-178656.php>>. Acesso em: 20 out. 2020.

BRENNAND, Deborah. **Claridade**. Recife: Bagaço, 1996.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução, Renato Aguiar, 14 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

CORRÊA, Roberto Alvim Corrêa. Nasceu um poeta: Deborah Brennand. **Diário de Pernambuco**. Recife, 21 fev. 1965.

LETRAS VERDES. Direção: Deby Brennand. Produção: Julianne Carmo. Recife (PE): Tissue, 2006.

MACHADO, Lia Zanotta. **Campo intelectual e feminismo**: alteridade e subjetividade nos estudos de gênero. Departamento de Antropologia, Universidade de Brasília, 1994.

PRIORE, Mary Del. Biografia, **Biografados**: uma janela para a história. In: SCHMIDT, Benito Bisso (org.). O que pode a biografia. São Paulo: editora Letra e Voz, 2018, p. 73 - 90.

QUINTAS, Fátima. **Academia Pernambucana de Letras** - história e patrimônio. Ensaio. Recife: Edições Bagaço. 2013.

QUINTAS, Fátima (org.). **Perfis Acadêmicos**: Academia Pernambucana de Letras. Recife: Bagaço, 2016.

SCOTT, Joan Wallach. **Gênero**: uma categoria útil de análise histórica. Educação & Realidade. Porto Alegre, vol. 20, nº 2, jul./dez. 1995, p. 71-99. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/71721/40667>>. Acesso em: 16 dez. 2018.

ZINANI, Cecil Jeanine Albert. **Literatura e gênero**: a construção da identidade feminina. Caxias do Sul, RS: Educs, 2013.

